

A análise do potencial de geração de empregos formais² no Brasil, por setores de atividade econômica, pode ser levada a cabo, utilizando-se de distintos métodos, a saber:

1. considerar a participação de cada setor/ramo de atividade no total de postos de trabalho formais gerados num determinado período, o que forneceria a seguinte indicação: “de cada 100 postos gerados, tantos foram no setor tal”;
2. trabalhar com a matriz “Insumo-Produto”, que relaciona investimentos produtivos com a geração de empregos, o que possibilitaria constatar “para cada R\$ milhares em investimentos quantos empregos foram gerados (direta e indiretamente)”;
3. utilizar o conceito de “elasticidade emprego-produto”³, que mede a “sensibilidade” do emprego às variações no produto, o que permite dizer que “para cada 1 ponto percentual de crescimento no produto, espera-se um crescimento de tantos % no emprego”.

O primeiro dos exercícios é possível de ser efetuado utilizando-se os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego (CAGED-MTE). Tal exercício consiste numa **análise estática**, onde a participação dos diferentes setores de atividade na geração de empregos formais é observada para um dado período de tempo, sendo que tal participação “supostamente” se repetirá futuramente (o que é uma suposição muito forte!).

O segundo dos exercícios para ser realizado exige o domínio dos cálculos relacionados à matriz de insumo-produto, em que a geração de emprego, via expansão do produto, decorre de um aumento dos investimentos produtivos. É, sem dúvida, um importante exercício para se verificar que setores são mais estratégicos para receberem investimentos, do ponto de vista da geração de empregos. Tal método é utilizado pelo BNDES em suas estimativas de geração de empregos decorrentes das aplicações de recursos sobre sua responsabilidade.

Por fim, o terceiro método destacado requer que se correlacione a evolução do emprego com a evolução do produto. Tudo o mais constante, quanto que uma variação do produto setorial provocaria de variação no emprego setorial. Aqui, supõe-se que o produto é uma variável determinante do comportamento do emprego. Trata-se de um exercício interessante para se verificar, ao nível setorial, se a expansão do produto se faz acompanhar (ou não) de um crescimento no emprego.

¹ Mestre em Economia, membro da carreira de Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental do Governo Federal, e Coordenador-Substituto do Observatório do Mercado de Trabalho do Ministério do Trabalho e Emprego.

² Neste ensaio, considera-se como formal o emprego com carteira de trabalho assinada. Ou seja, não estamos levando em conta os estatutários e os militares.

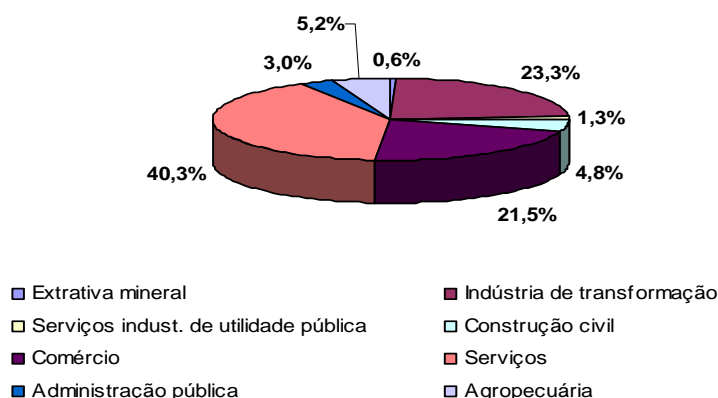
³ Formalmente, consiste no quociente da variação percentual no emprego pela variação percentual no produto.

Neste ensaio, utilizam-se o primeiro e o terceiro procedimentos, uma vez que não se domina o método da matriz insumo-produto. Os resultados obtidos e as conclusões que se pode inferir, a partir da análise dos mesmos, encontram-se nas duas próximas seções.

Participação setorial na geração de empregos com carteira assinada

De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do MTE, o setor de Serviços respondia em 31 de dezembro de 2001 por 40,3% do total de empregados celetistas no país, seguido pela Indústria de Transformação (23,4%) e pelo setor Comércio (21,1%). Aplicando-se sobre o estoque da RAIS de 2001 a movimentação do CAGED em 2002, obtém-se uma estimativa do estoque de empregados com carteira assinada em 2002 (posição de 31 de dezembro) e, sobre este novo estoque a movimentação observada no primeiro trimestre do ano corrente, obtém-se a quantidade de empregados com registro em carteira em 31 de março de 2003. Os percentuais praticamente não se alteram, no caso do setor de Serviços e para a Indústria de Transformação, com pequena elevação para o Comércio (veja o gráfico abaixo e tabela 1 em anexo).

Participação no total dos empregos celetistas: 31-03-2003



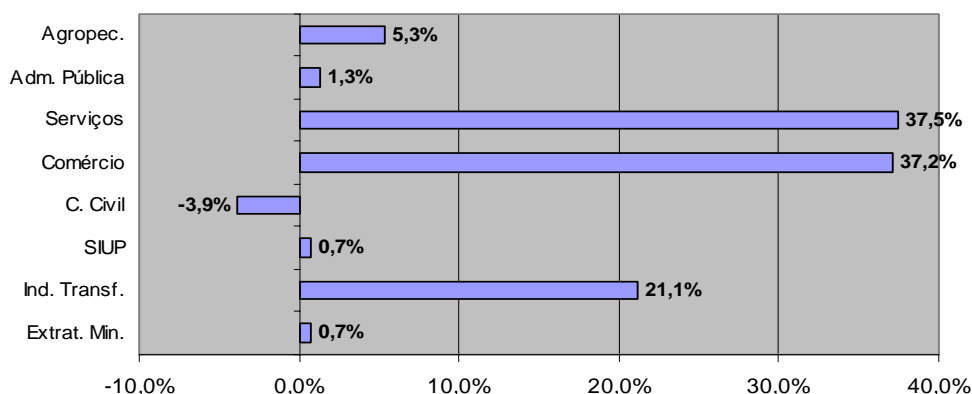
Considerando-se o conjunto dos setores de atividades turísticas⁴, a participação no estoque de empregados celetistas em 2001 é de 6,15%, percentual que se reduz para 6,10% em 2002 e para 6,04% ao cabo do primeiro trimestre de 2003, com pouco mais de 1,3 milhão de empregados com registro em carteira (veja tabela 2 em anexo).

Em termos de geração de empregos com carteira assinada, os números do CAGED apontam para um saldo positivo de pouco mais de 762 mil novos empregados celetistas em 2002 (diferença entre as admissões e os desligamentos), o que levou a um crescimento de quase 3,6% no estoque de trabalhadores celetistas. A maior participação no crescimento do emprego celetista foi do setor Serviços (37,5%), seguido do Setor Comércio (37,1%) e da

⁴ As atividades contempladas como turísticas são: Estabelecimentos Hoteleiros e Alojamentos; Restaurantes e Outros Serviços de Alimentação; Agências de Viagens e Organizadores de Viagens; Atividades Recreativas, Culturais e Desportivas; Aluguel de Automóveis; Transporte Rodoviário Regular não Urbano; Transporte Aéreo Regular e Transporte Aéreo Não Regular. Esta delimitação do conjunto das atividades turísticas, para efeito de dimensionamento do emprego, envolve setores que não são genuinamente turísticos, ou seja, não atendem exclusivamente aos turistas. Portanto, incorre-se num sobre-dimensionamento do emprego no setor de turismo.

Indústria de Transformação (21,1%). Ou seja, **de cada 100 empregados a mais, incorporados no estoque dos trabalhadores com registro em carteira de trabalho, 37 vieram do setor Serviços, outros 37 do Comércio e 21 da Indústria de Transformação.** O setor da Construção Civil foi o destaque negativo com redução de 29,4 mil empregados com carteira em 2002 (veja gráfico abaixo e tabela 3 em anexo).

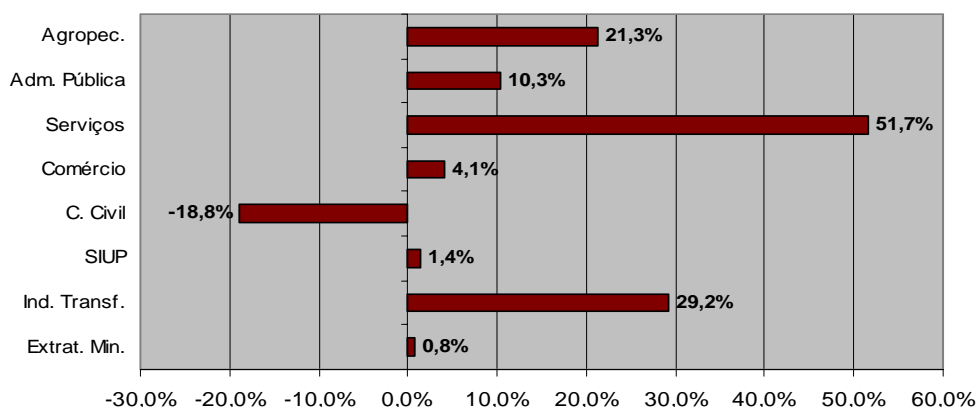
Participação no total dos empregos celetistas gerados em 2002



A participação das atividades turísticas na expansão dos empregados com carteira assinada em 2002 alcançou o patamar de 4,8%, participação que atinge a 12,8% do crescimento observado no total de empregados celetistas do setor Serviços. Portanto, de cada 100 empregados celetistas a mais, a atividade turística respondeu por 5 deles, em 2002 (veja tabela 4 em anexo).

Para o primeiro trimestre de 2003, todos os setores de atividade, à exceção da Construção Civil, apresentam crescimento do número de empregados formais. A expansão acumulada nos três primeiros meses de 2003 é pouco superior a 140 mil empregados, o que representa um crescimento de pouco mais de 0,6% no estoque de trabalhadores com carteira assinada. A maior participação nessa expansão é do setor Serviços (51,7%), seguido da Indústria de Transformação (29,2%) e da Agropecuária (21,3%).

Participação no total dos empregos celetistas gerados no primeiro trimestre de 2003



Ao longo do primeiro trimestre de 2003, o conjunto das atividades turísticas registrou um recuo de aproximadamente 6 mil empregados celetistas, o que representa uma queda de praticamente 0,45% no estoque de trabalhadores com registro em carteira no setor turismo.

Elasticidades “Emprego Formal – Produto”

Para inferirmos sobre a “responsividade” do emprego formal às variações no produto, para os distintos setores de atividade econômica, fizemos uso dos dados do *Sistema de Contas Nacionais (SCN) do IBGE* (série encadeada do índice trimestral: média de 1990 = 100), para calcularmos as mudanças no PIB setorial, e do *CAGED-MTE*, para apurarmos às variações no emprego formal. O período analisado compreendeu do 1º trimestre de 1999 ao 1º trimestre de 2003. Trata-se, portanto, de uma evolução mais recente desses dois indicadores, a partir da mudança do padrão cambial, ocorrida em janeiro de 1999.

Sobre essas duas séries, aplicamos um modelo de regressão log-linear⁵, o que possibilitou a apuração das elasticidades “emprego formal – produto” (veja as tabelas 5 e 6 em anexo).

O setor Serviços é o que apresenta a maior sensibilidade do emprego com carteira assinada às variações no produto. Dentro deste setor, destacam-se a Administração Pública, o Comércio e Administração de Imóveis, os Serviços de Comunicação e o agrupamento Outros Serviços. Destaque negativo fica por conta do segmento “Instituições Financeiras”.

A Indústria de Transformação apresenta uma sensibilidade “moderada”. No entanto, após toda uma década de forte racionalização do emprego industrial, a atual responsividade do emprego formal às variações no produto, nesse setor, é bastante expressiva. Destaques positivos da Indústria de Transformação: Metalurgia, Indústria Mecânica, Transporte, Madeira e Papel. Destaques negativos: Couros e Peles e Plástico (cabe, no entanto, ressaltar que estes dois setores apresentam elasticidades negativas não em decorrência de uma queda do emprego formal face à expansão do produto, mas “estranhamente” à expansão do emprego formal, mesmo diante de uma queda no produto).

⁵ Trabalhamos com os índices trimestrais do produto e emprego celetista setoriais, cuja base consistiu na média de 1999. Sobre estas séries, aplicamos o “logaritmo natural” e desenvolvemos uma regressão linear dos logaritmos naturais. O “log-natural” de uma variável consiste na taxa de crescimento dessa variável. Portanto, regredir duas séries na forma “log-natural” consiste em regredir as taxas de crescimento dessas variáveis, ao longo do período estudado. Para uma regressão na forma log-linear, o coeficiente (parâmetro) da variável independente (explicativa) é a própria “elasticidade”.

Elasticidades “Emprego Formal x Produto”

Destaques Positivos	Para cada um ponto percentual de crescimento no produto o emprego formal crescerá (em %):
Serviços	1,28
- Administração Pública	1,21
- Comércio e Administração de Imóveis	0,46
- Outros Serviços	1,24
Indústria de Transformação	0,40
- Metalúrgica	0,54
- Mecânica	0,45
- Madeira	0,72
- Papel e Papelão	0,37
- Transporte	0,30
- Borracha	0,33
- Fumo	0,28